

TRANSFORMAÇÕES PERIFÉRICAS DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR APÓS INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

FABIANO PRIES DEVIDE

Doutorando em Educação Física e Cultura na UGF/RJ, desenvolvendo estudos com Representações Sociais, História Oral e Gênero e Esporte; professor da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro e da rede municipal de ensino de Teresópolis/RJ, E-mail: fabianodevide@uol.com.br

ELAINE VALÉRIA RIZZUTI

Mestre em Educação Física e Cultura pela UGF/RJ, professora assistente da Funrei/MG.

RESUMO

Os objetivos do estudo são identificar as representações sociais que um grupo de alunos do ensino fundamental de um colégio público tem sobre a Educação Física escolar, e acompanhar a influência de uma proposta pedagógica na estrutura dessas representações. Coletamos os dados em três etapas: por uma dinâmica de associação de palavras no início de 1998 e 1999; e por uma redação sobre Educação Física na escola solicitada aos alunos em meados de 1998, com base na vivência nas aulas daquele semestre. Durante este período, a intervenção pedagógica foi empreendida com aulas práticas e teóricas, seminários, e avaliações práticas e teóricas relacionadas aos conteúdos desenvolvidos, perfazendo o planejamento do curso. A análise dos dados foi realizada com base na Teoria das Representações Sociais e da Análise do Discurso. Os resultados nos indicam que o núcleo das representações dos alunos sobre a Educação Física escolar é constituído pelo "esporte"; enquanto o sistema periférico sofreu desestabilização, com o surgimento de elementos significativos nas formulações feitas pelos alunos sobre a Educação Física escolar, em direção à sua valorização enquanto disciplina.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física escolar; representações sociais; processo de ensino.

INTRODUÇÃO

A Educação Física (EF) vem percorrendo caminhos em busca da sua legitimidade e identidade. À medida que amplia seu campo de conhecimentos, diversifica suas abordagens teóricas, seus métodos e suas formas de intervenção. Aqui, focalizaremos alguns aspectos relacionados à escola, que apontam para uma preocupação com relação ao papel desta disciplina neste contexto em que é questionada a sua existência e a aplicabilidade de seus conteúdos.

Na História da EF, nos deparamos com influências das instituições militar, médica e esportiva, que percorreram um caminho intervencionista, político e ideológico. Neste quadro histórico, a hegemonia esportiva na EF iniciou na década de 1960, supervalorizando o esporte como questão inerente na formação do homem e na manutenção da coesão social.

Percebemos, no cotidiano escolar, que a EF ainda não se desvinculou dessas raízes institucionais. Frente a sua obrigatoriedade e não legitimidade, a EF, mesmo presente nos currículos escolares, não atingiu o mesmo *status* das demais disciplinas. Neste contexto, constatamos o esforço de estudiosos em construir e consolidar novas propostas, na intenção de converter e legitimar o valor da EF, enquanto disciplina curricular, no processo educativo.

Entre algumas propostas, podemos citar aquela oferecida pelo Coletivo de Autores (1992), acerca da "cultura corporal". Para estes autores, a prática docente está comprometida com o processo de transformação social, devendo corresponder à realidade em que serão desenvolvidas as aulas, considerando o contexto sociohistórico e cultural da escola.

Outros autores como Faria Júnior (1991), Mota (1992), Guedes (1993, 1994), Alvarenga (1995) e Devide (1996) propõem a "criação de estilos de vida ativos" como um dos principais objetivos a serem atingidos pela EF escolar, que deve oferecer conhecimentos sobre o exercício, com vistas aos alunos adotarem um estilo de vida ativo, tornando-os consumidores críticos no que diz respeito às informações inerentes ao exercício e sua prática.

É com base em propostas como as supracitadas que procuramos desenvolver nossa disciplina no Colégio Estadual Edmundo Bittencourt, com vistas a consolidarmos, dentro das possibilidades, a EF como componente curricular relevante na escola.

OBJETIVOS

Buscamos, por meio deste estudo, identificar quais as representações sociais (RSs)¹ que um grupo de alunos do segundo segmento do ensino fundamental do Colégio Estadual Edmundo Bittencourt (CEEB) tem sobre a EF curricular, identificando os seus possíveis elementos centrais e periféricos, e acompanhar a possível influência de uma proposta pedagógica, diferenciada da esportivizada e da que ocorria no CEEB nos anos anteriores, na reestruturação destas representações.

O CAMPO DE OBSERVAÇÃO

O CEEB é o maior colégio estadual localizado no município de Teresópolis/RJ, com cerca de três mil alunos, distribuídos no ensino fundamental e médio, estudando em três turnos: manhã, tarde e noite, tendo características socioeconômicas heterogêneas.

Neste contexto, a EF curricular é ministrada por quatro professoras e três professores licenciados, sem uma diretriz consensual que estabeleça os fins da EF no CEEB, desenvolvendo, dessa forma, práticas pedagógicas contingentes com os alunos, permeadas pelos seus projetos políticos de escola e sociedade.

As observações referentes a este trabalho foram realizadas no âmbito escolar, especialmente no decorrer de nossa atuação pedagógica e interação com o grupo de alunos na quadra, na sala de aula e nos demais espaços do CEEB (corredores, sala dos professores, no pátio e arredores da escola).

A COLETA DOS DADOS E O GRUPO DE ALUNOS

A dinâmica usada na coleta de dados foi desenvolvida em três momentos, com turmas de 6^a a 8^a séries do ensino fundamental do CEEB, com o intuito de realizar uma sondagem sobre as representações sociais que esses alunos têm sobre a EF escolar.

Na *primeira* coleta, no 1^o bimestre de 1998, organizou-se uma dinâmica de grupo com a técnica de associação de palavras (Moliner, 1994), em que o aluno deveria escrever em uma folha a primeira palavra que associasse às aulas de EF, trocar as folhas e cada um ler o que o outro escreveu, com o objetivo de desen-

¹ No transcorrer do texto, a palavra "representação social" aparecerá sob a sigla RS quando estiver no singular, e RSs quando aparecer no plural.

cadear uma discussão sobre como está a EF na escola, e como seria o planejamento a partir daquele momento. Em uma *segunda* coleta, em meados de 1998, os alunos redigiram uma redação sobre as aulas de EF no CEEB, especificamente aquelas ministradas por nós no primeiro semestre de 1998. Na *terceira* etapa, no início de 1999, repetimos a dinâmica realizada como na primeira vez (1º bimestre de 1998), sendo que os alunos puderam associar mais de uma palavra à EF e, ao final, solicitamos que representassem as aulas iconicamente, por um desenho².

Quanto ao grupo de alunos, na primeira dinâmica, o número de meninas (n=90; 66,1%) foi superior ao dos meninos (n=46; 33,9%). Na dinâmica realizada em 1999, nas mesmas turmas, apenas com aqueles alunos que participaram das aulas no ano de 1998, do total de 109 alunos, o número de meninas (n=73; 66,97%) permaneceu superior ao dos meninos (n=36; 33,03%)³.

A PROPOSTA DE EF ESCOLAR DESENVOLVIDA COM OS ALUNOS

Nos anos de 1998 e 1999, buscamos, por meio da EF, ministrar conteúdos que escapassem à tradicional prática esportiva, comum nas aulas desta disciplina. Ministramos, em aulas teórico-práticas e por meio de métodos de ensino abertos, com foco na descoberta orientada e na solução de problemas (Mosston, 1966), outros conteúdos relacionados à área, deixados à margem pela maioria dos professores que atuam na escola.

Objetivando desenvolver o trabalho em grupo, a capacidade de organização e a cooperação, ministramos conteúdos teóricos, sobre os quais os alunos apresentavam seminários, seguidos de ampla discussão com a turma e, sempre que possível, aplicamos os conteúdos ministrados em sala nas aulas práticas⁴.

Quanto à relação professor-aluno, buscamos manter uma postura democrática na escolha dos conteúdos e na elaboração da avaliação. Os conteúdos eram propostos e discutidos com o grupo, com o intuito de escolher aqueles que despertassem maior interesse nos alunos; enquanto a avaliação era realizada de

2 No transcorrer das coletas, não foi solicitado aos alunos se identificarem nominalmente.

3 Em 1998, a média de idade dos integrantes do grupo era de 14,1 anos, passando, em 1999, para 15,8 anos, tendo em vista o decorrer de um ano.

4 Os principais conteúdos desenvolvidos em 1998 foram: a *frequência cardíaca*; alguns *mitos relacionados aos exercícios* veiculados no cotidiano; algumas *dicas para a prática correta de exercícios*; a relação entre *estilo de vida ativo e a saúde*, buscando ampliar a discussão do binômio exercício-saúde; os principais *movimentos realizados pelo corpo* durante a prática de atividades e exercícios; as *qualidades físicas* e sua importância no cotidiano, além do esporte.

acordo com o que cada grupo escolhia, abrangendo, em todas as turmas: a participação nas aulas (teóricas e práticas), uma avaliação prática na quadra e relacionada às atividades desenvolvidas, e uma avaliação teórica, sob a forma de seminários apresentados e posteriormente expostos nos murais do colégio.

Com esta intervenção, pretendemos ampliar os horizontes da EF no ambiente do CEEB, despertando o interesse dos alunos por outros conteúdos além do esporte, com vistas a desestabilizar a RS da EF enquanto disciplina dispensável, irrelevante, realizada nas horas de lazer, e resumida à prática esportiva. Iniciar a construção, na medida do possível, de uma EF que se legitime no espaço escolar, por meio de conteúdos relevantes para o cotidiano dos alunos, construídos coletivamente na interação da sala de aula, tem sido nossa preocupação central.

REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A ANÁLISE DO DISCURSO

Os estudos sobre as RSs tiveram como precursor Serge Moscovici⁵, propondo uma abordagem psicossociológica das RSs em que o individual e o coletivo engendram-se mutuamente⁶. Para o presente estudo, além deste autor, nos remetemos às propostas de Jodelet (1989, 1998) e Abric (1998) como autores-chave. Estamos concebendo as RSs como um conhecimento construído na interação cotidiana, de caráter mutável, flexível e em constante transformação, sendo um processo social de comunicação de estruturas de conhecimento e discurso que, em sua sociogênese, são socialmente elaboradas e coletivamente compartilhadas.

A abordagem de Denise Jodelet (1989), relevante para nosso estudo, atribui ênfase ao caráter etnográfico, enfatizando os suportes pelos quais as RSs circulam no cotidiano, como o discurso e as práticas sociais em que estas se manifestam, objetivando evitar a criação de pseudo-representações⁷, presentes no discurso dos sujeitos, mas distantes de suas práticas.

5 Isto se deu com o seu clássico trabalho *La psychanalyse, son image et son public*, publicado em 1961 na França e em 1978 no Brasil, sob o título *A representação social da psicanálise*.

6 Este estudo constitui-se como uma reação à abordagem sociológica clássica das Representações Coletivas de Durkheim (Minayo, 1995), assim como ao caráter essencialmente individualista da psicologia social norte-americana (Farr, 1998). De acordo com Moscovici (1978), a abordagem sociológica de Durkheim concebe as RSs como entidades estáticas, externas aos indivíduos, que se configuram em tradições transmitidas através de gerações por um tempo longo, sendo impostas e assimiladas inconscientemente.

7 Estas pseudo-representações tendem a ser geradas pelo próprio pesquisador quando este analisa os dados, às vezes insuficientes, coletados apenas por meio de entrevistas.

Para Moscovici (1995), o objeto representado pelo grupo deve estar consistente em suas respectivas práticas sociais. As RSs devem ser um saber *efetivamente praticado*, não se limitando ao discurso dos atores. Diante disto, nossa intervenção junto aos alunos no CEEB, nos permitiu observar o grupo *in loco*, acompanhando a circulação das RSs sobre a EF escolar.

A proposta de Abric (1998), aborda as questões relacionadas à estruturação, organização e transformações internas das RSs. Este autor concebe a RS como um conjunto estruturado de conteúdos cognitivos, organizados em torno de um núcleo central (NC), marcado pela memória coletiva e pelo sistema de normas de um grupo, tendo função consensual e sendo resistente às mudanças; e de um sistema periférico (SP), onde se localizam os elementos menos consensuais das RSs, menos estável, com elementos prescritores de comportamentos, atuando como reguladores e adaptadores das ações do grupo, permitindo variações nas RSs individuais. Para Abric (1998), as transformações em uma RS iniciam-se pelo SP, por meio de modificações introduzidas pelas práticas sociais dos sujeitos, sendo classificadas como: transformação resistente, transformação progressiva, e transformação brutal da representação.

A análise do discurso (AD) aqui concebida reconhece o discurso produzido por um enunciador inserido em um contexto sociohistórico específico, questiona os processos de produção que estão encobertos no discurso (Pêcheux, 1995). Utilizamos o conceito de “*sociedades de discurso*”, utilizado por Foucault (1996), reconhecendo que ao enunciar, o sujeito remete-se ao grupo social em que predominam determinadas formações discursivas, projetando a sua posição em função de sua inserção social no grupo, colocando-se em posição estratégica para direcionar a sua fala.

Concebemos também que o discurso é resultado de um universo interdiscursivo, fazendo com que a sua gênese não se dê no sujeito, sendo uma reinterpretação de vozes de terceiros, pois todo dizer tem relação com outros, e quando falamos mobilizamos um saber social, histórico e cultural, que difere de indivíduo para indivíduo, de acordo com sua história de vida.

Por fim, compartilhamos com Bakhtin (1995), quando afirma que é no dialogismo que o locutor e o ouvinte constroem o sentido do discurso. Neste momento, a história e a inserção social dos interlocutores e o contexto em que a interação ocorre influenciam a produção de sentidos no discurso.

RESULTADOS

Para a presente análise, concebemos nossos informantes como membros de uma sociedade discursiva (Foucault, 1996), composta pelos alunos do CEEB,

que a partir de práticas sociais observadas nas aulas, e do discurso escrito construído para este trabalho, constroem, na interação cotidiana do ambiente escolar, as suas RSs a respeito da EF na escola.

Para a apresentação dos resultados, abordaremos primeiramente os dados que coletamos a partir da técnica de associação de palavras (Moliner, 1994), realizada em dois momentos: fevereiro de 1998 e fevereiro de 1999, por ocasião das duas dinâmicas de grupo.

TABELA 1: CATEGORIZAÇÃO DAS PALAVRAS ASSOCIADAS À EF ESCOLAR NA 1ª COLETA DE DADOS (FEV./98)

Categoria	N	%	Subcategorias	Palavras associadas
Conteúdos	78	69,0	Relativos à Esportes	Basquete; esportes; futebol; futsal; voleibol.
	8	7,0	Outros conteúdos	Jogo; jogar bola; jogo de voleibol; jogo de futebol; correr; exercícios.
Avaliações	12	10,7	Adjetivos Positivos	maneiro; super legal; gosto muito; legal; bom; demais; ótimo.
	2	1,7	Adjetivos Negativos	chato
Recursos materiais da aula	8	7,1		quadra; bola.
Lazer e Liberdade de escolha	2	1,8		divertido; diversão
Aspectos resultantes da participação nas aulas de EF	3	2,7		Participação; praticar esportes; no que eu vou fazer
	113	100%	TOTAL	

Analisando as palavras associadas à EF escolar, a primeira inferência é a tendência do “esporte” constituir o núcleo central (NC) das representações dos alunos a respeito da disciplina EF. Este aspecto foi constatado em ambas associações, pela alta frequência de palavras associadas aos esportes ensinados nas aulas desta disciplina, e a partir das práticas sociais dos alunos durante as aulas, intervindo frequentemente, via discurso, solicitando a aula prática com jogo institucionalizado.

O predomínio do esporte, concebido pelos alunos quase enquanto sinônimo das aulas de EF, pode ser explicado de várias maneiras. Para entendermos as RSs não nos basta descrevermos como elas são. No entanto, não é possível estabelecer relações causais e definitivas sobre a sua sociogênese e construção (Wagner, 1998). A influência histórica da instituição esportiva, já identificada por outros autores da área em estudos históricos, tende a ser um dos fatores contribuintes para os alunos relacionarem as aulas de EF da escola com o esporte.

Além deste aspecto, as experiências anteriores dos alunos com esta disciplina parecem se limitar ao que eles chamam de “aulas livres”, nas quais o professor

fornece o material, deixando-os praticarem o que quiserem, de forma não dirigida. Este aspecto foi identificado no discurso do grupo e pode ser observado nos recortes do discurso dos alunos que se seguem.

TABELA 2: CATEGORIZAÇÃO DAS PALAVRAS ASSOCIADAS À EF ESCOLAR NA 2ª COLETA DE DADOS (FEV./99)

CATEGORIA	N	%	Subcategorias	Palavras associadas
Conteúdos	115	42,7	Relativos a Esportes	Esporte; andebol; Vôlei; futebol; basquete; futsal; Toque (vôlei); cortada (vôlei)
	28	10,4	Outros conteúdos	Jogo; movimentos (planos de movimento); flamenço; exercícios; atividades; qualidades físicas; frequência cardíaca; aprofundamento (conteúdos teóricos); regras; ginástica.
Avaliações	23	8,6	Positivas	interessante; ótimo; criativa; educativa; legal; maneiro; excelente; às vezes legal; satisfação; aula boa; melhorou; divertida; importante
	17	6,3	Negativas	Fraca; não acho legal; mesmice; desânimo; preguiça; não gosto muito; ruim; rigorosa; besteira; enjoativa; chata; chato
	8	3,0	Indeterminadas	agitação difícil; radical; diferente; variável; variada
Recursos materiais da aula	23	8,5	Artificiais	Quadra; bola; resumo (relatórios); uniforme; Trabalhos; seminários; relatório; escola; bermuda (uniforme);
	4	1,5	Humanos	Professor
Lazer e Liberdade de escolha	14	5,2		Diversão; distrair; lazer; tempo livre; ficar à toa; jogar o que quer; ficar sem fazer nada
Aspectos resultantes da participação na EF	2	0,8	Relacionados às qualidades físicas	Agilidade física; força física
	13	4,8	Relacionados à prática	Esforço físico; condicionamento; cansaço; saúde; suor; praticar; trabalhamos o corpo; físico.
Aspectos pedagógico e didático	12	4,5		Aprendizagem; ensino; desenvolvimento; disciplina; informação; educação; responsabilidade; paciência
Desenvolvimento da aula	10	3,7		Aula livre; aula prática; aulas teóricas
Total	269	100%		

André⁸ nos apresenta brevemente a situação anterior em que a EF se encontrava na escola: uma disciplina em que a pessoa do professor não se destacava, sem organização no desenvolvimento da aula, limitando-se aos conteúdos “esportivos” que os alunos escolhiam.

8 O nome dos informantes aqui divulgados são fictícios, com fins de preservar a identidade dos alunos.

os professores iam para a quadra e nos mandavam pegar o material que queríamos e nos davam aula livre deixando-nos fazer tudo o que queríamos (André).

Carla e Gustavo constroem o seu discurso tecendo comparações entre a experiência atual com a EF na escola e as aulas dos anos anteriores. Tendem a valorizar as aulas que participam atualmente, a partir de conectivos que põem em relevo alguns dos novos conteúdos que aprenderam; e de um metadiscurso que focaliza aspectos da EF atual ausentes nas aulas que tiveram nos outros anos escolares, procurando inseri-la no quadro educacional.

Este ano as matérias foram mais organizadas do que [...] no ano passado. *Pra dizer a verdade, [...] ano passado era só bola pra lá e bola pra cá. Esse ano eu gostei muito das aulas. [...] foram muito importantes tanto para o progresso na escola, quanto no dia-a-dia de muitos alunos, principalmente as aulas de qualidades físicas, frequência cardíaca (Carla).*
as aulas de Educação Física [...] foram muito boas, *pois aprendemos muitas coisas, [...] realizamos trabalhos que nunca fizemos em outros anos, pois nos outros anos a maioria das aulas eram aulas livres, onde nós jogávamos bola sem nem mesmo sabermos as qualidades físicas que necessitamos para realizar tais tarefas (Gustavo).*

Além do esporte como NC das representações, identificamos uma variedade de palavras entre a primeira e a segunda coletas. Esta variedade pôde ser identificada nas categorias relacionadas aos “conteúdos”, quando surgiram aqueles ensinados no transcorrer do ano de 1998; às “avaliações”, que aumentaram em número e diversidade, constituindo uma tendência de ora se valorizar, ora atribuir adjetivos negativos, ora outros com características indeterminadas, que podem ser tanto positivos quanto negativos; ao “lazer” e aos “recursos materiais”.

Em decorrência da intervenção pedagógica realizada, na segunda associação, algumas palavras indicaram a necessidade da criação de duas novas categorias: “desenvolvimento da aula” e “aspectos pedagógico e didático”. Nestes aspectos nos concentraremos a partir de agora, apresentando as palavras novas surgidas entre a primeira e a segunda coletas.

Com base na abordagem estrutural das RSs apresentada por Abric (1998), encaramos as novas palavras oferecidas pelos alunos como transformações periféricas das representações destes a respeito da EF na escola. Desta forma, apesar da alta frequência com que aparece o esporte também na segunda associação de palavras, focalizaremos aquelas que surgiram em virtude da interação dos alunos com uma nova proposta de EF no CEEB.

Concebemos esta mudança periférica das RSs dos alunos como uma transformação resistente e progressiva, na qual o NC das RSs continua rígido e compartilhado na memória coletiva dos alunos. Entretanto, novos elementos periféri-

cos se somaram àqueles já existentes, desencadeando novas categorias: “aspectos pedagógico e didático” e “desenvolvimento da aula”; além de enriquecer as outras cinco já existentes.

TABELA 3: CATEGORIZAÇÃO DAS PALAVRAS NOVAS SURGIDAS APÓS A INTERVENÇÃO (FEV./1999)

Categorias	N	%	Subcategorias	Palavras novas
Conteúdos	7	7,1		Movimentos (planos de movimento); qualidades físicas; agilidade física; força física; condicionamento; frequência cardíaca; aprofundamento (conteúdos teóricos).
Avaliações	12	12,1	Positivas	Interessante; criativa; educativa; excelente; às vezes legal; satisfação; aula boa; melhorou; divertida; importante.
	12	12,1	Negativas	Fraca; não acho legal; mesmice; desânimo; preguiça; não gosto muito; ruim; rigorosa; besteira; enjoativa; chata.
	8	8,1	Indeterminadas	Agitação; difícil; radical; diferente; variável; variada
Recursos materiais da aula	9	9,1		Professor; resumo (relatórios); uniforme; bermuda (uniforme).
Lazer e liberdade de escolha	10	10,1		Distrair; lazer; tempo livre; ficar à toa; jogar o que quer; ficar sem fazer nada.
Aspectos resultantes da participação nas aulas de EF	14	14,1		Agilidade; força; esforço; condicionamento; cansaço; saúde; suor; trabalhamos o corpo; físico.
Aspectos pedagógico e didático	17	17,2		Ensino; aprendizagem; desenvolvimento; informação; professor; disciplina; educação; educativa; responsabilidade; paciência.
Desenvolvimento da aula	10	10,1		Aula livre; aula prática; aulas teóricas.
TOTAL	99	100%		

No que concerne aos “aspectos pedagógicos”, todas as palavras surgiram após a intervenção no ano de 1998. Tais palavras se relacionam aos aspectos do processo educativo de ensino-aprendizagem e representam, para nós, um forte indicador de transformação nas RSs dos alunos. Hoje o grupo associa a EF escolar a outros aspectos além do esporte ou do lazer, concebendo-a como um espaço de recepção de “informações” relevantes, em que há aprendizagem e “desenvolvimento pessoal”; e acima de tudo um agente, representado pelo “professor”, antes não associado à disciplina.

Pensamos que a categoria “desenvolvimento das aulas” surgiu em decorrência da mudança do formato das aulas anteriormente “livres”, para aulas organizadas e orientadas pelo professor, em conjunto com o grupo de alunos. Assim, começaram a circular mais os conceitos de “aulas teóricas”, consideradas por eles

como aquelas que ocorrem na sala de aula; “aulas práticas”, como as que se desenvolvem na quadra; e “aulas livres”, como aquelas em que há liberdade para se fazer o que quiser, constantemente solicitadas ao professor.

Em relação aos “conteúdos” apresentados, as novas palavras surgidas após a intervenção refletem a existência e incorporação, por parte do grupo, de outros conhecimentos sobre a EF na escola, antes concentrados nos esportes e jogos, e agora ampliados para aspectos desenvolvidos com o grupo em sala de aula, por meio de seminários; e fora da escola, em atividades práticas como caminhadas, em que puderam ancorar e objetivar os conteúdos como “frequência cardíaca” e “qualidades físicas”.

Aos “recursos materiais” utilizados nas aulas somaram-se o “uniforme” e os “resumos”, antes não solicitados por ocasião das aulas práticas. Sobre o uniforme, conversou-se com os alunos sobre a importância da adequação da vestimenta para a prática do exercício, conteúdo também apresentado por eles próprios, sob a forma de seminário. O resumo refere-se ao relatório da aula que aqueles alunos sem uniforme devem entregar ao professor ao fim das aulas práticas que não participam. Esta estratégia didática tem funcionado no sentido de contribuir para que os alunos não uniformizados comecem a participar das aulas práticas devidamente trajados, além de serem estimulados a prestar atenção no que é apresentado ao restante da turma nessas aulas.

O mais interessante nesta categoria foi a presença inédita da palavra “professor”. Em virtude do contexto escolar em que os alunos se encontram, e reconhecendo a polissemia da linguagem Pêcheux (1995), não podemos fazer interpretações conclusivas e rígidas. Contudo, podemos inferir que a pessoa do professor se encontra presente na RS dos alunos sobre a EF escolar. Isto se confirma na primeira associação de palavras, em que nenhum aluno associou a palavra “professor” à EF. Hoje, nas aulas práticas, também observa-se uma referência freqüente ao professor, seja para solicitar aulas livres, aulas práticas, sugerir novos conteúdos, perguntar curiosidades sobre os exercícios, solicitar permissão para sair e ingressar na turma etc. Em muitos desenhos entregues por ocasião da segunda associação de palavras, também aparece o professor como representação icônica associado às aulas de EF.

Quanto às “avaliações”, houve um aumento significativo tanto naquelas positivas quanto nas negativas, surgindo também avaliações de sentido indeterminado, que podem assumir caráter ora positivo, ora negativo. Essa variedade de adjetivações nos faz pensar que há uma tendência dos alunos a assumirem uma postura nitidamente a favor ou contra a EF na escola, diretamente relacionada ao prazer que esta disciplina pode oferecer a eles.

Sobre as categorias "aspectos resultantes da participação nas aulas" e "lazer e liberdade de escolha", o aumento do número de palavras deve-se, provavelmente, à nova vivência que o grupo vem tendo com a EF escolar, por meio da interação com o professor e os colegas nas aulas.

Em um segundo momento da análise, nos concentramos no discurso escrito produzido pelos alunos na elaboração de uma redação em meados do ano de 1998. Focalizamos nossa atenção para marcas discursivas que demonstrassem as transformações periféricas identificadas na associação de palavras. É interessante ao leitor perceber a polifonia⁹ existente no discurso dos alunos, que ora falam em primeira pessoa do singular, assumindo um discurso próprio, resultante de seu universo interdiscursivo; ora assumem o discurso da sociedade discursiva da qual fazem parte, quando se utilizam da primeira pessoa do plural.

Identificamos três categorias discursivas principais: a "não diretividade"; a "aplicabilidade dos conteúdos" e a "valorização dos conteúdos". Apresentaremos a análise destas categorias separadamente para fins de organização textual. Contudo, as concebemos como um aglomerado, pois seus elementos se interpenetram, como constataremos a seguir.

Uma primeira característica discursiva dos alunos é o *desejo de não diretividade* nas aulas de EF, buscando a continuação do modelo da EF anterior. Isto foi observado nas redações e também nas práticas dos alunos, ao solicitarem freqüentemente "aulas livres" ao professor.

Dois alunos, André e Caroline, deixam explícito o desejo de não haver diretividade nas aulas. André espera que o tempo da EF seja um período de diversão e liberdade de escolha no espaço escolar, enquanto Caroline constrói um discurso mais reflexivo sobre a liberdade.

o melhor da aula de educação física é quando é aula livre (André).

Eu acho que pelo menos uma vez por mês deverá ter uma aula livre, para que os alunos fizessem o que quiserem na aula (Caroline).

Paulo demonstra o estranhamento em relação às aulas desenvolvidas em sala de aula, preferindo aquelas realizadas na quadra. Repare-se, entretanto, que ele faz um adendo e reconhece que tem aprendido conteúdos interessantes nessas aulas.

⁹ A polifonia se refere à possibilidade da identificação de várias vozes no mesmo discurso (Maingueneau, 1998).

teve aulas que eu não gostei [...] não estou acostumado a fazer educação física dentro de sala. Apesar de tudo teve aulas legais dentro de sala, como o histórico da capoeira e mitos sobre os exercícios que eu aprendi várias coisas (Paulo).

As aulas sem diretividade solicitadas pelos alunos, nos fazem refletir sobre a necessidade de haver um espaço na escola para a liberdade de escolha e a participação dos alunos. Talvez, em anos anteriores, eles encontrassem esse espaço na EF, por ser um aspecto pouco observado nas outras disciplinas escolares. Entretanto, o espaço para a escolha e o debate deveria estar presente em todos os espaços da escola, não só nas aulas de EF.

A partir de nossa intervenção, o espaço para a não diretividade diminuiu e os alunos viram-se privados da possibilidade de perpetuar o que vinham fazendo nos anos anteriores. Porém, encontramos mais aspectos positivos do que negativos quanto a esta escolha: enquanto não nos é possível agradar a todos os alunos e permitir-lhes a escolha pessoal pelas atividades, tende a haver uma maior quantidade de alunos participantes nas aulas, em detrimento da tendência de exclusão dos menos habilidosos; abriu-se um espaço para a socialização entre os colegas, através da formação de novos grupos a cada aula; há um maior espaço para colocação e solução de problemas por meio de discussões coletivas; há possibilidade de ajuda mútua entre colegas no que concerne à correção de movimentos e à participação, entre outros fatores.

Andréia, ao falar sobre as aulas, positiviza a diretividade, os novos conteúdos “práticos”, a presença do professor e a participação de todos os alunos, possibilitada pela nova organização.

Nesse ano as aulas de educação física melhoraram muito, falou mais dos esportes que as vezes nas escolas não se praticam como a capoeira, andebol. O professor agora passa no quadro e ensina com mais coordenação [...]. As aulas na quadra tinham que todos os alunos praticar [...]. No ano passado só os alunos que sabiam fazer os esportes poderiam praticar e quem não sabia ficava de fora. Nesse ano houve muitas mudanças para melhor como a diminuição de faltas de professor (Andréia).

A *aplicabilidade dos conteúdos no cotidiano* constitui outra marca discursiva do grupo. A noção da possibilidade de se utilizar no dia-a-dia os conteúdos aprendidos nas aulas de EF demonstra que estes alunos ancoraram e objetivaram, dentro de suas possibilidades, os novos conhecimentos oferecidos nas aulas em que participaram.

achei muito importante porque aprendi a medir a frequência cardíaca e em que local podemos localizar [...], achei essa matéria muito interessante, [...] acho que vou usá-la algum dia para me ajudar e talvez ajudar outras pessoas (Carlos).

a frequência cardíaca foi legal. Eu, medindo minha frequência cardíaca máxima. Gostei também porque agora posso corrigir pessoas (Paula).

O conteúdo referente à frequência cardíaca, apresentado em sala de aula e aplicado em aulas práticas como as de caminhada, foi um dos mais referenciados entre os alunos. Carlos e Paula, além de saberem a importância e em que local calcular, refletem sobre a possibilidade de ensinar seus conhecimentos para outras pessoas. Lúcia passou a adotar um estilo de vida mais ativo, por meio de caminhadas regulares em que pode medir a sua frequência cardíaca.

eu gostei porque nos anos anteriores eu não tinha estudado nada. Gostei da aula sobre frequência cardíaca. Depois do dia da caminhada eu passei a fazer caminhada quase todas as manhãs, e me sinto muito bem (Lúcia).

Alguns alunos como Leonardo, tendem a fazer comparações com as aulas de anos anteriores, estabelecendo diferenças a partir dos novos conteúdos e da possibilidade de sua aplicação cotidiana. Considerando-o membro da sociedade discursiva estudantil, identificamos em seu discurso, elementos comprobatórios e de caráter denunciativo da consciência do grupo em relação ao caráter assistemático, para não dizer “caótico” e “desorganizado” da maioria das aulas de EF ministradas nas escolas. Leonardo também explicita o caráter educativo que a EF desempenha na sua formação e o seu desejo de que as aulas ultrapassem o modelo que até então era dominante nestas turmas.

as outras aulas de educação física eram só ir para a quadra e tampar na pelada. As aulas do professor eram coisas que um dia, quem sabe, vamos precisar. Espero que um dia as aulas de educação física possam ser não só bagunça, mas um ensino que nós um dia possamos usar (Leonardo).

Outro conteúdo comentado pelo grupo foi relacionado sobre os mitos sobre a prática dos exercícios, tais como a crença de que abdominais diminuem a gordura do abdômen ou que correr agasalhado emagrece, apresentados por eles sob a forma de seminários.

Os mitos sobre o exercício nos ajudou a nos prevenir e a abrimos os olhos diante de propagandas enganosas e exercícios feitos de forma errada, o que poderia nos prejudicar (Anderson).

A abordagem valorativa dos conteúdos ministrados foi outra característica do discurso do grupo de alunos. Analisando as redações, observamos a valorização dos conteúdos relacionados aos esportes e daqueles “novos”, com os quais os alunos se depararam pela primeira vez no ambiente das aulas de EF. Para alguns

alunos, esses conteúdos eram inimagináveis nas aulas, causando um estranhamento natural, como nos mostra Maria:

aprendi coisas que eu nunca imaginava aprender numa aula de educação física, pois [...] nos outros anos a aula era hiper monótona. [...] nós descíamos para a quadra, pegávamos uma bola de vôlei e ficávamos enrolando 50 minutos. Já esse ano não, nós assistíamos a aula dentro da sala e aprendíamos várias coisas importantes pra nós [...]. Nunca poderia imaginar aprender coisas tão necessárias para o dia-a-dia numa aula de educação física [...], pois nos outros anos aprendi coisas tão inúteis (Maria).

Gustavo, Carla e Paulo demonstram que no ano de 1998 a EF foi inovada, oferecendo conteúdos por eles considerados importantes. É relevante notar a tendência dos alunos em exemplificar a importância dos conteúdos tratados na EF referindo-se às aulas ministradas em sala, com conteúdos tratados, primeiramente, de forma teórica, e não àqueles conteúdos relacionados aos esportes institucionalizados: futebol, vôlei, basquete etc.

este ano, eu aprendi muito em educação física, como: mitos sobre exercício, exercício e saúde, frequência cardíaca que eu nem sabia (Gustavo).
as aulas dentro de sala foram boas, pois aprendemos coisas que nunca vimos muito bem explicado. [...] eu aprendi muitas coisas como, as qualidades físicas, os mitos do exercício, frequência cardíaca, as articulações e os segmentos corporais, planos e descrição dos movimentos (Carla).
As aulas de Educação Física foram muito importante para nós, [...] ensinou grandes coisas que não tínhamos aprendido. As articulações [...] nos ajudou na matéria de Ciências, [...] a saber sobre nosso corpo [...]. A frequência cardíaca foi de grande utilidade, [...] aprendemos até ao ensinar para nossos pais que tiveram também o interesse de saber calcular (Paulo).

Um dos conteúdos comentados pelos alunos foram as aulas em que discutiu-se sobre a relação do exercício com a saúde, momento em que se abordou os benefícios que um estilo de vida ativo pode trazer à saúde em decorrência da condição multifatorial.

aprendemos que o exercício faz bem a saúde, mas não é o único fator importante para que tenhamos uma boa saúde (André).
A palestra sobre exercícios e saúde, nos ensinou a ver que a saúde não vem só dos esportes mas também de vários fatores que trabalham em conjunto (Antônio).

Além dos conteúdos “teóricos”, os alunos também valorizam os conteúdos relacionados aos esportes. Contudo para falar sobre eles, tendem a se remeter àqueles conteúdos novos, como no caso de Alan, que fala sobre o Andebol, mo-

dalidade escolhida pelo professor em virtude da maioria dos alunos não terem tido vivência prévia com ela.

Os assuntos discutidos na sala de aula foram importantes, [...] aprendi a jogar Andebol, [...] a calcular minha frequência cardíaca e saber quais as qualidades físicas eu preciso ter para praticar um determinado exercício (Alan).

Seguindo a tendência de Alan, Olavo também valoriza os conteúdos. Enfoca o envolvimento do professor no processo de ensino, valoriza aqueles conteúdos práticos “novos”, os quais ele ainda não havia vivenciado, e deixa claro que a abordagem de conhecimentos que extrapolem a prática esportiva foi decisiva para a melhoria das aulas de EF.

As aulas de educação física este ano melhoraram muito em relação ao ano passado [...]. Este ano o professor abordou vários assuntos como a capoeira e o andebol, [...] se interessando mais pelas aulas e pelos alunos. Dando aulas teóricas ele também melhorou as aulas. Ensinando vários outros temas e proporcionando uma melhor aula para todos os alunos (Olavo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme constatamos pela associação de palavras, pela análise textual das redações, e as observações nas aulas, identificamos como NC das RSs destes alunos sobre a EF escolar o “esporte”. Interpretamos que a RS da EF escolar consolidada pelo esporte, se constitui em uma forma de conhecimento socialmente elaborada pelos alunos, mediante suas experiências nas aulas e suas interações com outros meios de vivência da EF fora do cotidiano escolar, seja em atividades físicas não formais ou via meios de comunicação de massa.

O NC, conforme nos indica Abric (1998), permaneceu rígido, inflexível e está relacionado às condições histórico-sociais e ideológicas da EF relacionadas à instituição esportiva. De acordo com a proposta desenvolvida no CEEB, buscamos revelar as transformações periféricas que ocorreram após nossa intervenção feita com esse grupo de alunos.

Após o levantamento dos indicadores do NC das RSs dos alunos, a partir da técnica de associação de palavras, analisamos o discurso escrito dos alunos, por meio do qual identificamos três categorias discursivas principais: o desejo de não diretividade nas aulas; a valorização dos conteúdos teóricos; e a noção da aplicabilidade dos conteúdos aprendidos.

Diante da análise da associação de palavras, do discurso escrito e da observação participante nas aulas, notamos transformações periféricas que ocorreram

paulatinamente durante os doze primeiros meses de intervenção. Um conjunto de atitudes, idéias e valores do grupo se desconstruiu e vem se reconstruindo a cada nova aula, através da nova vivência da EF escolar. Tais mudanças foram sendo incorporadas e ilustram o discurso e as práticas escolares dos alunos.

A valorização dos conteúdos ditos teóricos e a sua aplicabilidade no cotidiano foram alguns dos aspectos enaltecidos pelos informantes, o que objetiva uma mudança de valores perante a disciplina EF na escola, que neste momento parece assumir um significado para o grupo de alunos, agentes do processo. Entre os conteúdos práticos, a capoeira foi o que mais agradou o grupo, tanto pela abordagem histórica, pelas aulas práticas, e como tentativa de inovação nas aulas, objetivando a oportunização de outras vivências que não apenas a do esporte institucionalizado.

Para nós, o discurso descreve e apresenta com textura que a intervenção pedagógica apresentou efeitos na estrutura das RSs dos alunos perante a EF na escola, desenvolvendo a aceitação, o gosto e o reconhecimento da disciplina, aspecto identificado pelas comparações espontâneas oferecidas pelos alunos entre as aulas atuais e as já vivenciadas em outros anos.

O nosso interesse pelo estudo da EF escolar se dá pelos efeitos práticos que o professor, enquanto agente transformador e atuando em conjunto com os alunos, pode produzir nestes últimos, quando possui uma prática pedagógica comprometida. Em termos gerais, as questões propostas por este estudo começam a ser elucidadas e a criar raízes evidentes.

Reconhecendo a potencialidade transformadora da ação pedagógica, esperamos que esses alunos assumam um posicionamento diferenciado em relação à exercitação no que concerne ao seu consumo crítico, seja no interior da escola ou em futuras academias e clubes que frequentarão, quando em contato com outros professores e alunos.

Peripherycal changes in social representations of students of fundamental learning about school physical education after pedagogic intervention

ABSTRACT: The objectives of this study are to identify the social representations that a group of students of "fundamental learning" of a public school have about School Physical Education, and to follow the influences of a pedagogic proposal in the structure of these representations. The data were collected in three stages: (i) through group dynamics at the beginning of 1998 and (ii) at the beginning of 1999; and (iii) through a composition done by students about the Physical Education classes during the first half of 1998. During this period, our intervention was accomplished with theoretical and practical classes, seminars, and practical and theoretical evaluations, related to the contents developed through the period. The analysis of the data was done under the theoretical frameworks of Social Representations and Discourse Analysis. The results show us that the nucleus of the social representations of students about School Physical Education remains the same, being constituted by the "sport". However, there was some changes in the peripheric system with significant elements in the formulations done by the students about the School Physical Education in order to value it as a discipline.

KEY-WORDS: School physical education; social representations; learning process.

Transformaciones periféricas de las representaciones sociales de alumnos de enseñanza básica sobre la educación física escolar tras intervenciones pedagógicas

RESUMEN: Los objetivos del estudio son identificar las representaciones que un grupo de alumnos de la educación básica de un colegio público tiene sobre la Educación Física escolar, y seguir la influencia de una proposición pedagógica en las estructuras de estas representaciones. Reunimos los datos en tres etapas: Por una dinámica de asociación de palabras al inicio de 1998 y 1999, y por una redacción sobre Educación Física en la escuela a los alumnos a mediados de 1998, en base a las vivencias en las clases de aquel semestre. Durante ese periodo, la intervención pedagógica fué emprendida con clases prácticas y teóricas, seminarios y evaluaciones prácticas y pedagógicas relacionadas con los contenidos desarrollados, rehaciendo el contenido del curso. El análisis de los datos fue realizado en base a la Teoría de las Representaciones Sociales y del Análisis del Discurso. Los resultados nos indican que el nucleo central de las representaciones de los alumnos sobre la Educación Física escolar es constituido por el "deporte"; mientras que el sistema periférico sufrió una desestabilización con el surgimiento de elementos significativos en las formulaciones hecha por los alumnos sobre la Educación Física escolar, en dirección a su valorización como asignatura.

PALABRAS CLAVES: Educación física escolar; representaciones sociales; processo de enseñanza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIC, J. C. Abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB Editora, 1998. p. 27-38.
- ALVARENGA, L. R. *A Biociência do Movimento Humano na escola – uma proposta de conteúdo significativo para a educação física no 2º grau*. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DEVIDE, F. P. Educação física e saúde: em busca de uma reorientação para a sua práxis. *Revista Movimento*, Porto Alegre, ano III, n. 5, p. 44-55, 1996.
- FARIA JÚNIOR, A. G. de. *Educação física, desporto e promoção da saúde*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1991.
- FARR, R. *As raízes da psicologia social moderna*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- GUEDES, D. P.; GUEDES, J. P. Subsídios para implementação de programas direcionados à promoção da saúde através da educação física escolar. *Revista da APEF-Londrina*, Londrina, n. 15, p. 16-23, 1993.
- _____. Sugestões de conteúdo programático para programas de educação física escolar direcionados à promoção da saúde. *Revista da APEF de Londrina*, Londrina, n. 16, p. 3-14, 1994.
- JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (Org.). *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989. p. 31-61.
- _____. A alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA, A. (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 47-67.
- MAINGUENEAU, D. *Termos-chave em análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MINAYO, M. C. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVTCHELOVITCH, S. (Orgs.). *Textos em representações sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 89-111.
- MOLINER, P. Les Méthodes de repérage et d'identification du noyau des représentations sociales. In: GUIMELLI, P. *Structures et transformations des représentations sociales – textes de base en sciences sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1994.

- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. Prefácio. In: GUARESCHI, P.; JOVTCHELOVITCH, S. (Orgs.). *Textos em representações sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 7-16.
- MOTA, J. A Escola, a educação física e a educação da saúde. *Revista Horizonte*, Lisboa, n. 48, p. 208-212, 1992.
- MOSSTON, M. *Teaching Physical Education*. Columbus: C.E. Merrill Books, 1966.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.
- WAGNER, W. Sociogênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: AB Editora, 1998. p. 3-25.